

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MAIO/99- ANO III - Nº 28

EDITORIAL

Cresce, assustadoramente, a violência urbana. Esta chega até nossas casas através da TV. Episódios de selvageria, assassinatos indiscriminados, chacinas e roubalheiras são mostrados como rotina numa sociedade que se diz moderna. A vida em comunidade torna-se, cada dia, mais difícil. A população arma-se e distancia-se, cada vez mais, de valores éticos e morais que norteiam a convivência pacífica e fraterna.

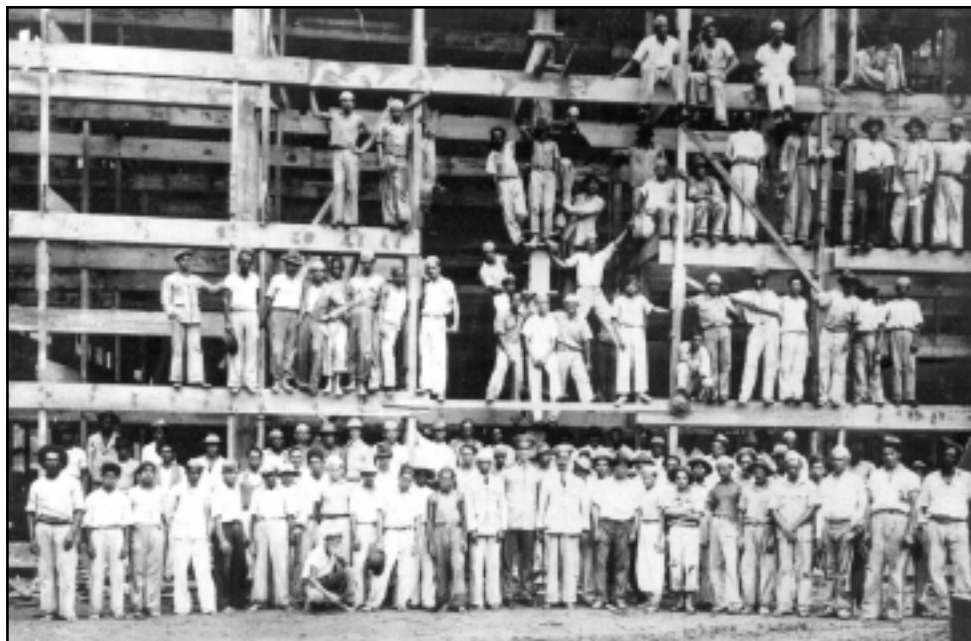
A criminalidade aumenta a olhos vistos. Crianças se armando e indo para as escolas. Homens matando homens. Balas perdidas tirando a vida de chefes de famílias e estudantes. Banaliza-se a violência. Viver está cada vez mais arriscado. Atônitos, assistimos ao desenvolver da “cultura da indiferença”.

Até há alguns anos, a violência se restringia às periferias dos grandes centros urbanos. Hoje, atinge o interior do país, chegando até as pequenas cidades, invadindo praças, salas de aula e enlutando famílias.

Há algum tempo essa situação vem sendo sinalizada, sem que algo de concreto seja feito para barrar seu avanço. Numa sociedade em que as desigualdades aumentam, nos preocupamos em copiar hábitos de consumo de países ricos e desenvolvidos, dando as costas para a maioria de nossa população que, desassistida, não tem acesso a benefícios mínimos.

A população frustra-se com as dificuldades econômicas por que passa o país e se ressentente com os vazios sociais e com a ausência do Estado em várias áreas da sociedade. Não participando do dia-a-dia das comunidades, não percebe que os lugares de lazer, educação, saúde etc, estão sendo ocupados por traficantes e maus administradores. Estes e outros determinantes concorrem para a escalada da violência e a desintegração da família.

Para barrar esse caos é preciso que transformações ocorram em nossa sociedade. Para isto são necessárias mudanças de postura, empenhando-nos numa grande cruzada, resgatando a importância da família e de valores éticos e morais. É preciso deixar de imobilismo e juntos buscarmos alternativas saudáveis para nossa população. É preciso pensar coletivamente. Investir na educação nunca foi tão importante como o é hoje. Somente assim conseguiremos as transformações almejadas. Politizar nossa população, para a prática do exercício da cidadania é imperioso, neste momento. Que cada um assuma, com responsabilidade, seu papel na sociedade.



Operários durante a construção do 1º Grupo da Fábrica Presidente Vargas. Foto da década de 1940.

O Que Comemorar?

O Dia do Trabalho é comemorado, universalmente, em 1º de Maio. Instituído há 113 anos, esta data leva-nos a uma reflexão sobre a geração de emprego e o futuro. Nos bancos escolares, aprendemos que o trabalho dignifica o homem, dá sentido à vida e que o trabalhador brasileiro tem, constitucionalmente assegurado, seu direito a um salário mínimo com que possa prover sua família de moradia, alimentação, educação, saúde, lazer etc. Mas, como explicar para as crianças e jovens que estão em idade produtiva que o trabalho está se tornando cada dia mais escasso e que o salário mínimo atual não nos assegura o previsto na Lei?

Nosso país atravessa uma grave crise financeira, reflexo de uma nova ordem mundial, em que mudanças econômicas se fazem presentes. Se antes já tínhamos sérias dificuldades financeiras, hoje elas se agravam, aumentando o desemprego.

Neste mês de maio, pesquisa do SEADE (Secretaria Estadual de Análise de Dados), sobre condições de vida, aplicada no vale do Paraíba, nas cidades de São José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena e Cruzeiro, e divulgada no último dia 04, mostra-nos que a taxa de desemprego é de 18%, a maior do interior do Estado.

No Vale, as grandes indústrias são responsáveis pelo maior número de desempregados. Estas, modernizando-se, estão cada vez mais exigentes no que se refere à qualidade da mão-de-obra. Como

alternativa de emprego, cresce a economia informal.

Piquete não é diferente de outros lugares. Há décadas, nossos jovens procuram outras cidades, na busca de emprego e de salários dignos. Se no passado nos orgulhávamos de ter uma indústria bélica que gerava mais de três mil empregos, atraindo trabalhadores de cidades circunvizinhas, hoje, esta e mais duas outras indústrias de plástico geram pouco mais de 800 vagas.

Nestes momentos de crise, os municípios do Vale têm procurado criar incentivos que atraiam novas indústrias, estimulem as pequenas e micro-empresas, apoiem as já existentes, bem como a economia informal, para gerar novas vagas no mercado de trabalho.

Compete aos nossos homens públicos promover o desenvolvimento integral do município, a iniciativa e ousadia na geração de empregos. Para tanto, é preciso empenho, vontade política e, principalmente, muito trabalho, sem o que continuaremos nesta inércia em que Piquete se encontra, há décadas, mergulhado.

Uma saída para gerar empregos é buscar recursos para desenvolver o turismo, já que esta é a modalidade que requer menos investimento e a que dá mais retorno em relação à criação de empregos. Paralelamente a isto, investir na educação, capacitando, tecnicamente, nossos jovens para o mercado da região, para que possam, no futuro, ser agentes na geração de empregos e ter o que comemorar no 1º de Maio.

AC

Imagem - Memória

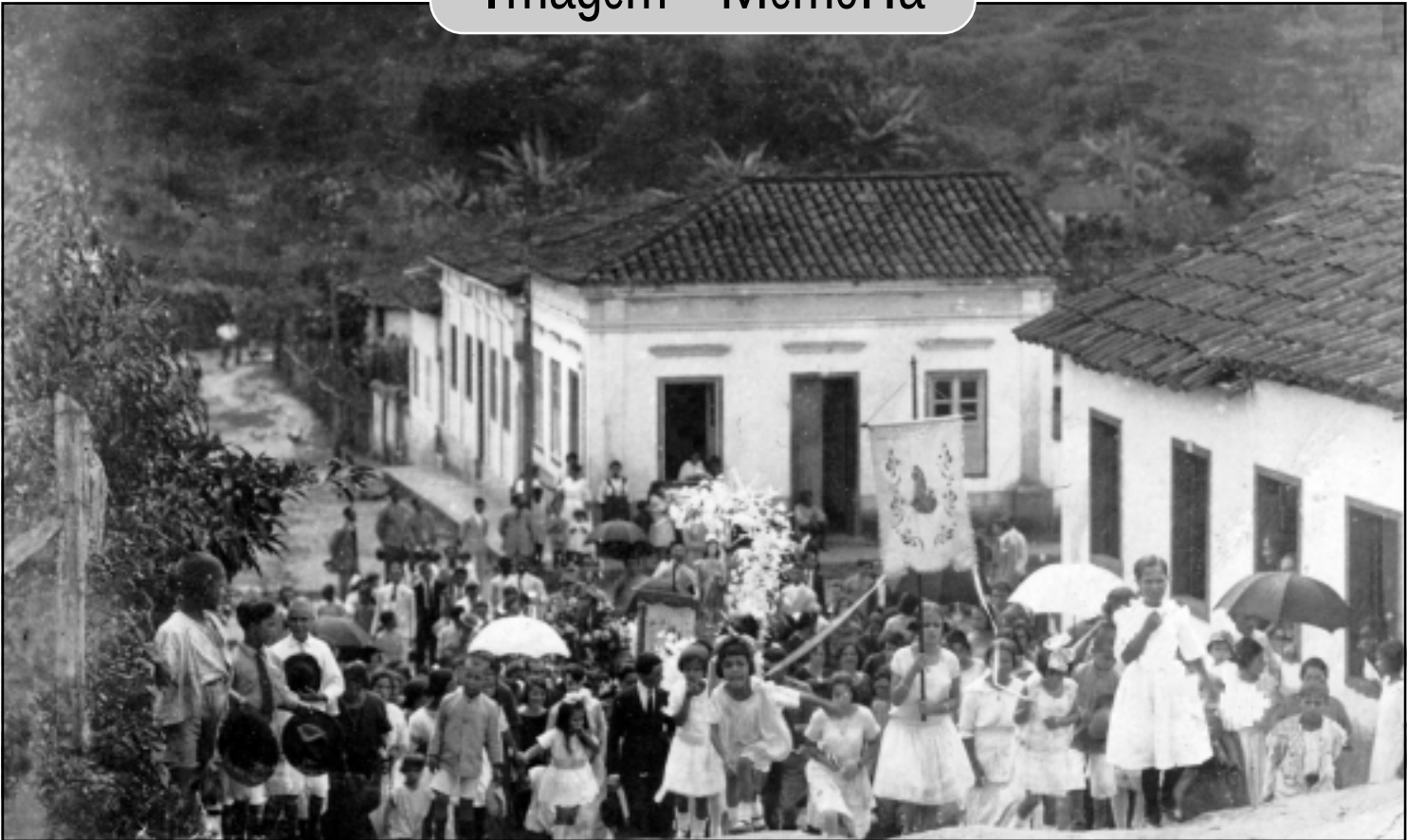


Foto arquivo Pro-Memória

No mês de maio, chegada de uma procissão de Nossa Senhora à antiga Capela de São José, no início da década de 1930.

Maio: Mês de Maria

Nossa população nutre-se de grande sentimento religioso. Essa religiosidade, herança de nossos avós, remonta ao século passado, aos primórdios de nossa organização social, ocasião em que a Igreja teve decisivo papel como elemento aglutinador das aspirações dos piquetenses. Através dela, aprendemos a exercitar a fraternidade, a pensar coletivamente e a vivenciar, na prática, a cidadania.

A devoção a Nossa Senhora vem do século XVIII, quando da fixação dos primeiros moradores às margens do caminho para Minas e do contato destes com caravanas de romeiros que se dirigiam a Aparecida, para visitar a imagem milagrosa recém-achada. Cresceu, a partir daí, a devoção Marial.

As datas religiosas sempre foram importantes, pelo seus significados, na marcação do tempo para os fiéis. De janeiro a dezembro, nosso calendário é marcado por diferentes efemérides, cada qual com seu significado e valor. Assim, maio, mais do que os outros meses, é festivamente comemorado pela população católica como o mês dedicado à Virgem Santíssima.

Neste século, trazida para Piquete pelos padres salesianos, de Dom Bosco, a devoção a Maria Auxiliadora foi implantada e mantida viva, até nossos dias, pelo fervor e piedade das Irmãs da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora (também salesianas), as quais, durante muitos anos, dirigiram o nosso hospital, como nos lembra o prof. João Vieira Soares em seu livro de memórias “Minha Terra, Minha Gente, Minha Vida”: “E embora

as irmãs salesianas não estejam entre nós, a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora continua fervorosa, pela atuação dos cooperadores salesianos, movimento composto de cristãos leigos que promovem encontros periódicos, e também pelo trabalho desenvolvido no Oratório Festivo, que funciona em prédio próprio, na Vila Esperança, sob a direção dos padres salesianos do Colégio São Joaquim, de Lorena.

A partir de 1934, quando tivemos o primeiro pároco residente, Pe. João Marcondes Guimarães, a Congregação Mariana e a Pia União das Filhas de Maria foram responsáveis pelas grandes homenagens a Maria, sobretudo no mês de maio, quando a imagem da virgem, em ornamentado andor, diariamente visitava uma família da comunidade, em cuja residência permanecia durante vinte e quatro horas.

Lembro-me, saudosos, das memoráveis e piedosas procissões de que participei. À noite, após as cerimônias do culto na velha matriz, formava-se o cortejo com as associações religiosas e grande número de outros fiéis, rumo a uma das casas previamente determinada.

As trinta e uma famílias sorteadas para receber a visita da imagem esmeravam-se para dar uma recepção condigna a tão insigne presença, em seus lares.

Dia seguinte, no regresso da imagem à igreja, o mesmo entusiasmo da véspera: grande número de fiéis dando vivas e aclamações à Mãe de Deus, sob o espocar de foguetes e ao som de hinos religiosos

executados pela banda de música e cantados pelo povo, cujos estribilhos são lembrados até hoje, com muita piedade, pelos devotos de Nossa Senhora.”



Foto arquivo Pro-Memória

Filhas de Maria. À direita, Dona Mariquinha, sua presidente. Foto década de 1940.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. R. Ramos

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

“Zé Macaco”

Tem algum sapato pra consertar? Qualquer serviço em couro para ser feito?

Se você respondeu afirmativamente a qualquer dessas perguntas, está precisando de um dos mais antigos prestadores desse serviço, em Piquete, e um dos últimos em atividade nessa profissão, no vale do Paraíba.

Nosso sapateiro-mor, o “Zé Macaco”, continua com sua sapataria em plena atividade. As mesmas duas portinhas, num prédio que já se tornou ponto de referência para todos da cidade, continuam a atender aos que precisam de tão antiga atividade.

Seu nome, quase desconhecido até por seus fornecedores de couro e amigos, é José Benedito.

Nasceu na cidade de Marmelópolis, em 02-11-36. Filho de João Nogueira e Francisca Hemetéria. Mais velho entre sete irmãos, apenas ele é vivo.

Seus pais, muito humildes, saíram de Marmelópolis, foram para Itajubá e de lá vieram para Piquete, sempre na tentativa de encontrar uma vida melhor. Ao chegar aqui, no final da década de 1940, foram morar no “Bambuzinho”. De lá, “Zé Macaco” recorda-se bem das brincadeiras de criança e das caçadas de passarinhos com os amigos de infância: Floriano, Quitê, Dito André, Chicão (hoje Chicão Polícia), Lourenço Ribeiro. Saudades.

Os estudos, que não foram muito longe, devido à necessidade de trabalhar para ajudar os pais, foram feitos no Grupo Escolar da Fábrica Presidente Vargas.

Trabalhou durante muito tempo para o Sr. Christiano Rosa. Num sítio, no Araçá, ordenhava as vacas e em seguida entregava o leite. Era de confiança do seu Christiano. Começava o trabalho, de manhã, no manguieiro, e depois descia para atender aos serviços domésticos. Era sua obrigação também levar para a escola, de charrete, a filha mais velha do patrão.

Um acidente colaborou para que



começasse a trabalhar com sapataria: “Zé Macaco” foi picado por uma cobra. A falta de recursos, na época, quando ainda não havia soro específico para determinada cobra, causou grandes problemas. Esteve muito mal. Como não podia andar, iniciou-se no ofício de sapateiro. Sua escola foi o Sr. Beckmann, o qual “ensinava para mais de dez meninos a profissão de sapateiro”. Logo abriu sua própria sapataria, no início dos anos 60, já no lugar que o consagraria, onde se encontra até hoje. Ali construiu sua vida.

Em 22-02-1964, casou-se com Maria Aparecida Benedito, a D. Dica.

Hoje, com os filhos Roseli Aparecida Nogueira, Rudnei Nogueira Bendito, Renata Nogueira Benedito e dois netos, “Zé Macaco” leva uma vida pacata, atendendo aos clientes sempre com grande simpatia e destreza. Administra também uma loja e um restaurante, que montou com a família. A sapataria foi e sempre será um orgulho do dono e de Piquete. Faz parte de nossa cidade.

Churrasco de confraternização dos operários da Fábrica. Foto década de 30



A.P.A. da Mantiqueira

Piquete guarda manchas de florestas remanescentes da Mata Atlântica, que abrigam espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção. Com a finalidade de garantir a conservação deste conjunto paisagístico e da cultura regional, proteger e preservar parte de uma das maiores cadeias montanhosas do sudeste brasileiro – a Serra da Mantiqueira –, grande trecho de terras que abrange os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro foi declarado Área de Preservação Ambiental (APA) pelo decreto nº 91.304, de 3 de junho de 1985.

Em nossa cidade, a delimitação geográfica da APA é estabelecida pela curva de nível de 900 metros. Isto significa que todo o trecho da serra acima de 900 metros de altitude, exatamente no Posto Fiscal da Rodovia Lorena – Itajubá, é uma área de preservação ambiental.

Busca-se, com a declaração de uma APA, o uso racional do solo e a preservação dos recursos ambientais. Assim, ficam proibidas, ou restringidas, a implantação de atividades industriais poluidoras ou capazes de afetar mananciais, a realização de obras de terraplanagem, a abertura de canais e quaisquer outras atividades que possam provocar erosão, extinguir espécies raras ou prejudicar nascentes de cursos d’água.

Apesar do decreto de 1985, até hoje não houve uma efetiva implementação dessa A.P.A.

Nesse sentido, no dia 27-04, ocorreu, em Guaratinguetá, uma reunião promovida pelo IBAMA, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Prefeitura local, em que foi discutida a regulamentação da A.P.A da Mantiqueira. Piquete foi representado pela Fundação Christiano Rosa, na pessoa do seu Presidente, Sr. Paulo Noia de Miranda e pelo Sr. Valdo Prado Nunes, da Casa da Agricultura de Piquete. Foi proposto que as O.N.G.s e municípios que estão dentro desta A.P.A. passem a gerenciar e desenvolver projetos de implementação dessas áreas, o que já vem acontecendo: as O.N.G.s I.E.C.O., de Guaratinguetá, e Mantiqueira Viva, de Pindamonhangaba, estão trabalhando nesse sentido. Em Piquete, aguardamos a criação de um Conselho do Meio Ambiente, através do qual espera-se que uma política ambiental seja traçada, para que consigamos preservar e recuperar essa tão importante reserva de biodiversidade. LGDJ/AC

“Não herdamos a terra de nossos pais, mas a tomamos de empréstimo dos nossos filhos”

Lester Brown

PLURALIDADE CULTURAL EM PIQUETE - 4

A “RAINHA”

“Rainha”, é assim que Euclides Martins de Camargo chama a Raia, onde, a partir dos quatro anos de idade viveu e vive, saudoso dos bons tempos e dos amigos, das festas, dos prazeres infantis e juvenis, e da esposa que com ele conviveu anos fecundos e pródigos.

Quido, nome pelo qual é conhecido de todos, foi esportista importante do famoso esquadrão do glorioso Estrela Futebol Clube, trabalhador incansável nas lides a que se dedicou, admirado por todos e uma figura plena de lucidez, camaradagem e disposição.

As memórias que tem da Raia são preciosas, e o preto carinhoso na citação dos nomes que por ali passaram são ditos por ele, em homenagem e reverência. Se as pessoas que falam da tradicional Raia usam expressões carinhosas e boas lembranças, ninguém melhor do que o Quido põe a emoção em primeiro lugar. A voz de meu interlocutor assoberba-se de razões para, com veracidade, citar tempos passados e tornar vivas as pessoas que povoaram, para sempre, as suas referências básicas. O brilho do olhar e a irrigação da pele da face são atestados solenes neste homem no qual a idade é símbolo de riqueza.

Para Quido, os moradores da Raia, originalmente, não eram muitos, sendo que na década de 1920 havia cerca de 25 a 30 famílias. Ele enfatiza que eram honestos, amigos e trabalhadores. Suas casas simples, de taipa e barro batido, cercadas de bambu, incluíam quintais com árvores frutíferas. Cada família fazia sua horta. Nas cozinhas, as mulheres preparavam os alimentos, os doces e os licores. Portanto, os moradores da Raia praticavam uma subsistência de ocupar todo o tempo nas ati-

vidades basicamente artesanais. Grandes trabalhadoras, as mulheres lavavam roupas para ajudar no sustento da casa. Mal sobrava tempo para conversas alongadas ou desnecessárias.

Lembra-se ele dos trilhos ou caminhos primitivos e estreitos, de passagem um a um, em fila indiana, para atingir outros pontos da cidade. Um trilho descia do Morro da Cadeia, chamado então Alto da Cadeia, para encontrar-se com outro, em ângulo, que cortava o centro do Bairro de acesso à Rua Américo Brasiliense, contornando o Morro da Miquelina, no tempo da residência dessa senhora que pontificava, do alto, suas realizações de benzeduras. Caminhos difíceis nas chuvas continuadas do verão, com charcos, lamas e atoleiros de barro preto.

Nas pistas secas do caminho principal, o jogo de malha alegrava as tardes dos domingos e feriados. Disputavam-se campeonatos. Eram jogos masculinos, de força e destreza.

A construção do prédio do Grupo Escolar Antônio João favoreceu a ampliação do caminho, a partir da encosta do morro, e depois seu revestimento em concreto e respectivos degraus.

Mas a construção do prédio escolar fez derrubar uma bela figueira centenária, onde os moleques criavam histórias de assombrações e encenavam visões macabras. Assim, o Quido e o Ditinho Macedo, filho do seu Galhardo, morador do largo da Cadeia, disputavam as idéias mais originais para o susto das pessoas. No oco da figueira, figuras macabras feitas de mamão e iluminadas por velas eram fantasmas que, nas noites escuras, enriqueciam de temores o imaginário

popular. Alguma sonorização ajudava. Correrias e narrativas. Eis um quadro completo de referência horripilante.

Por fim, a avenida Luiz Arantes Junior modernizou o trilho principal e dividiu a Raia em duas partes adjacentes. A malha urbana estava baseada. Outras ruas se ajustaram ao plano de urbanização inicial.

A vegetação densa da Raia era de grandes árvores copadas, das quais a cabreuveira era uma das rainhas. Lá ia a floresta tropical, na sua exuberância de espécies múltiplas, até ao Poço Fundo, onde o nome Floresta era um topônimo básico no arranjo urbano incipiente. Lá vivia “seu” Nuno das boas artes homeopáticas. Este e seu Modesto, profundos conhecedores das herbáceas, cultivavam as boas artes medicinais aprendidas na prática, e boa vontade nas observações e leituras de livros especializados. Não havia médicos formados disponíveis. Só mais tarde a Fábrica introduzia esses profissionais da saúde, trabalho em que o Quido e seu pai acabaram se engajando como enfermeiros e atenciosos prestadores de assistência. As lembranças do Quido se avivam e os registros de suas palavras são emocionados.

Enquanto isso, a Raia se povoava mais e mais.

Nas festas juninas, a “Rainha” do Quido se engalanava nos paus-de-sebo, bandeiras dos santos, bandeirolas multicoloridas, arcos de bambu, flores de papel, jongos, bailes, fogueiras, quentão, canelinha e rapaduras, doces-de-abóbora, pés-de-moleque, broas de milho e outras iguarias gratuitas que as doces tias criavam em seus tachos e fornos, nas cozinhas artesanais. O trio das festas se encarrilhava: Santo Antônio, São João e São Pedro. Salve!

Outra festa importante era a da comemoração do 13 de Maio, que chegava a durar três dias. “Seu” Geraldo Porfírio (Geraldinho) organizava o evento e comandava as realizações. Era inverno, já. Os bailes ao ar livre, em torno da fogueira ou nas casas de salas mais amplas, quando garoava, eram animados pelos instrumentos musicais dos violões, sanfonas, cavaquinhos, pandeiros e reco-recos. Todos dançavam no puro prazer e as idades conviviam, sem tabus nem preconceitos. Os mais velhos se empenhavam, mestres do dia-a-dia e das coreografias, nos jongos. Havia jongueiros famosos. Vida plena.

A “Rainha”, portanto, era, na cidade, uma referência obrigatória, pela auto-afirmação de sua maioria negra que, após a libertação, conseguia exibir com elegâncias a sua miscigenação étnica, cultural e plural, como símbolo de resistência e como prazer de vida. Vida dura, mas produtiva. Piquete tem na Raia um dos núcleos mais representativos da cultura negra da região do Vale do Paraíba.

Dóli de Castro Ferreira

Vista parcial de Piquete. Em primeiro plano, à direita, a Raia.

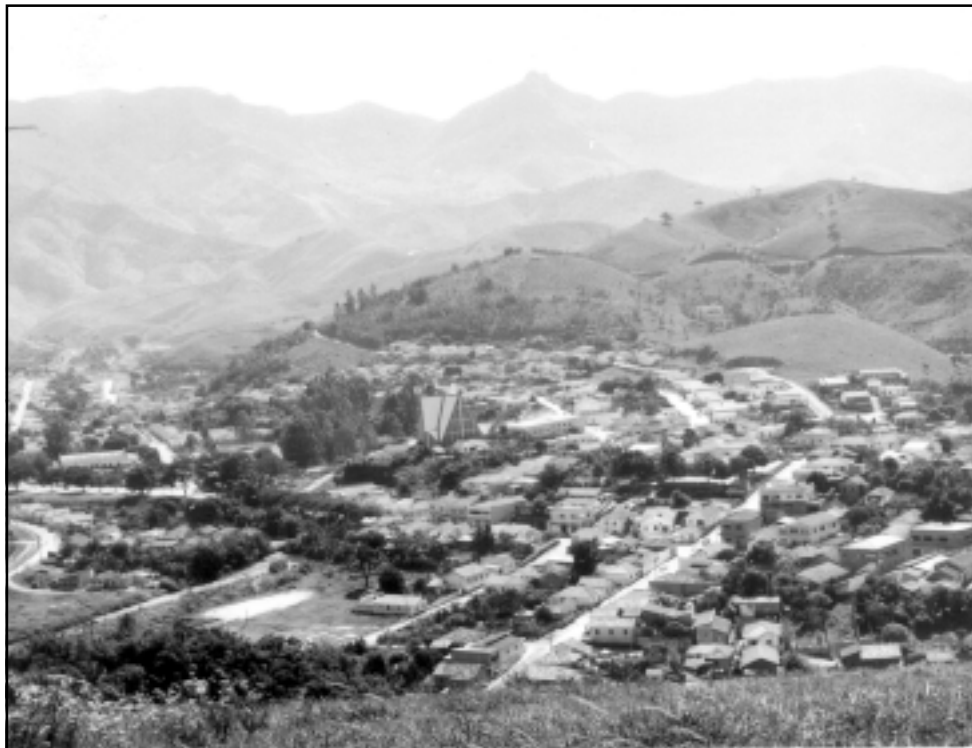


Foto arquivo Pro-Memória

Naturalmente

Durante muito tempo os homens tentaram entender a complexa teia dos fenômenos naturais. Hoje, podemos explicar, parcialmente, boa parte desses fenômenos. A natureza costuma apresentar ciclos para a maioria das substâncias que lhe pertencem. Essas substâncias tendem a voltar ao seu estado inicial se nenhuma interferência externa (danosa) for realizada sobre ela.

O homem é parte integrante da natureza, a qual ele chama de mãe, e depende desses ciclos naturais para sobreviver. Não é sem razão que os índios cultuam a natureza como se fosse o próprio Deus. Eles sabem que a natureza responde com agressão às agressões por ela sofrida. Dessa forma, os indígenas criaram as figuras mitológicas que representam essa resposta da natureza: curupira, boitatá etc.

Por desrespeito aos ciclos naturais, muitas civilizações se extinguíram. Esgotaram os recursos da natureza sem, contudo, “fazer a sua parte”. Podemos citar os habitantes da Ilha de Páscoa, os sumérios e gregos, entre tantos outros.

Um dos ciclos que nos interessa em especial, dadas as condições atuais, é o da água. A quantidade de água doce no mundo, com possibilidade de consumo, após tratada ou “in natura”, está em estado crítico. Os cientistas prevêem que a “guerra da água” está a poucos 50 anos em nosso futuro. É preciso que todos entendamos um pouco desse ciclo e ajudemos a natureza a mantê-lo vivo e, se possível, a recuperar seu estado original.

A água evapora dos rios, mares, lagos etc. Subindo à atmosfera e encontrando condições propícias, ela se precipita sob a forma de chuva, neve ou gelo, sobre a superfície do planeta. A chuva pode ir direto ao solo ou cair sobre florestas e matas, e esta é a mais importante. Ao cair sobre as matas, a água é inicialmente retida nas copas das árvores. Parte dela evapora novamente e outra parte, após o encharcamento das

folhas, cai ao solo, com força menor que a água que atinge diretamente o solo. O solo das matas está dividido em camadas. Na camada superficial está o húmus, restos da própria mata que se decompõe sob a ação de micro-organismos. Esse húmus é como uma grande esponja que absorve a umidade da chuva e a retém no solo. Do húmus dependem muitos animais pequenos: besouros, minhocas, lagartas, formigas etc, que serão também parte de uma cadeia alimentar para outros animais como tatus, sapos, cobras, quatis, porcos do mato etc. A cadeia alimentar não pára aí. Esses animais todos, ao revirarem o solo para se alimentar, o tornam rico e poroso.

Parte da água retida é absorvida pelas raízes, sobe o tronco e se apresenta nas folhas das árvores. Daí evapora novamente pela transpiração das folhas e refaz o ciclo. Quando o solo está encharcado na superfície, a água escorre, lentamente, formando os mananciais que formam os córregos, que se unem em riachos, rios e chegam ao mar. Uma pequena parte da água penetra profundamente no solo e chega aos lençóis d’água que irão formar as fontes e alimentar os mesmos córregos.

E novamente o ciclo começa.

Você já deve ter notado a importância da mata nesse ciclo. Sem ela perde-se o húmus, o solo fica pobre, as plantas não se reciclam, os animais menores morrem e, por sua vez, não mais arejam o solo. Os maiores, sem alimento, migram ou morrem e a água não se retém no solo. O solo nu fica exposto à erosão e definha. A água escorre rapidamente e leva o solo. Sem evaporação, sem chuva, sem árvores, sem vida.

Felizmente, a natureza luta e, por muitas vezes, elimina o agressor. Portanto, proponho um teorema: “Antes que você elimine a natureza, ela eliminará você.”

Vamos mudar esse quadro. Plante uma árvore. Apóie os projetos de recuperação. Lute contra os agressores. Mantenha-se vivo.

Luiz Flávio Rodrigues

Palmeira natural da Mata Atlântica, na área da IMBEL, em Piquete.



Foto Richard Wiles

Trecho de Mata Atlântica, na área da IMBEL, em Piquete.



Foto Richard Wiles

Árvore da minha Vida

Era uma vez uma família numerosa: pais, filhos, primos, crianças tuteladas, meninos que vinham da roça para continuar os estudos na pequenina cidade serrana e a empregada. O pai era operário da fábrica e a mãe, professora. Em casa, a professora tinha uma mania: remendar as roupas dos filhos, as toalhas, os panos da casa. Quando não enxergava direito, tirava os óculos, aproximava o tecido para junto de si e lá ficava remendendo e remendendo...

O que se passava ao lado não a incomodava: briga de filhos, barulho de panelas, resmungos da empregada, marido alterado. Absorta, quem sabe sonhava, construía, amava. No remendo teceu seu mundo para sobreviver. Um mundo que era outro, pois seus valores eram outros, tão diferentes do lugar e do tempo em que vivia.

Teria amigas? Amigos seria impossível. Confidentes? Acredito que tudo, ou quase tudo ficava lá dentro, com ela. Ou saía nas linhas que remendava... que mamãe-aranha!

Um dia a menina-filha, lendo sua certidão de nascimento, perguntou-lhe o porquê de, no lugar dos avós maternos, estar escrita a palavra “ignorados”. Continuando a remendar, na sala de jantar, de piso de tijolos muito limpos, a mãe fez que não se assustou e respondeu calmamente: “— Seu pai foi fazer o registro e na hora não se lembrou dos nomes de meus pais.” “Ué, por que não perguntou pra senhora?” “—É, ele sabia só o primeiro nome e pra não ter que voltar em casa só por causa disto achou melhor assim.” A menina achou aquilo tudo muito esquisito, mas não tinha argumentos. E se calou. Foi para o quarto, pegou uma folha de papel, lápis coloridos e desenhou uma árvore muito verde, muito copada, cheia de galhos generosos. A raiz era enorme e aparente, e nela colocou o nome: mamãe. O irmão mais velho chegou perto, olhou e completou com um aviãozinho bem no alto da árvore. E a fumaça do avião escreveu: “Mamãe, voarei pensando em ti.” Depois a menina cresceu e compreendeu o significado. Mas continuou calada, constrangida de revelar o segredo familiar. Até que se encheu de coragem e perguntou à mãe se nunca quis saber quem eram seus pais. Enrubescida, ela disse “Não”. “— Uma vez perguntei à mamãe e ela me respondeu com outra pergunta: Se não estava contente com ela. Com a minha afirmativa, ela me disse que me amava muito e que não fizesse mais esta pergunta. Naquela época, não era costume perguntar coisas de família, e eu nunca mais toquei no assunto.” “E nossa árvore genealógica, mamãe?” Docemente ela falou: “— Nossas origens? Elas estão tão distantes! De onde virão? Algum europeu, um africano, um judeu ou um índio, um árabe? Ou de tudo um pouco...? Quem sabe? Não importa. Eu tenho certeza de que iniciei minha árvore de raízes bem fincadas no chão, com tronco forte e seiva abundante. Com seu pai vieram vocês, os meus galhos frondosos e já cheios de frutos.”

E como na religião egípcia, a menina-mulher viu uma deusa surgindo de uma árvore. E ela tinha tudo de sua mamãe.

Amélia Pascoal Campelo

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

“Mãe Não Tem Limite”

O segundo domingo de maio é consagrado às mães. Ninguém lhes nega o valor, a dedicação e a coragem. No anonimato do lar, elas se desdobram, se multiplicam e fazem o milagre das horas para atender aos filhos. Junto ao tanque e ao fogão, na rotina do dia a dia, elas se transfiguram.

Muitos escritores já as exaltaram em prosa e verso. Gosto muito dos versos de “Carlos Drummond de Andrade:

*“Por que Deus permite
que as mães vão-se embora?
Mãe não tem limite,
é tempo sem hora,
luz que não apaga
quando sopra o vento
e chuva desaba,
veludo escondido
na pele enrugada,
água pura, ar puro,
puro pensamento.
Mãe, na sua graça,
é eternidade.”*

Poderia enumerar outros escritores, de renome nacional e internacional, mas prefiro ficar por aqui, no nosso Piquete, onde há muita gente que escreve bem e é capaz de se expressar com beleza. É o caso do Marco Antônio Sene, a quem ministrei aulas na Escola Estadual “Profª Leonor Guimarães”. Lá já vão alguns anos... Às vésperas do Dia das Mães, propus aos alunos uma frase - “Em casa tem uma mulher que cuida de mim.” E o nosso querido Marco Sene conseguiu, com originalidade, compor um belo texto que ora apresento aos nossos leitores:

“Em casa tem uma mulher que cuida de mim, incansavelmente, as vinte e quatro horas do dia. O serviço árduo da

roça, em sua adolescência, marcou-lhe as mãos com calos, e as pernas, com varizes, que hoje a maltratam.

Dona de uma timidez incrível, ela raramente sai de casa. Sua preocupação maior é com a comida, as roupas, o café... Isto faz com que ela ignore o mundo lá de fora, que é de todos, e viva somente no seu, que se resume no lar, filhos e netos. Até mesmo minha avó reclama que suas visitas são poucas.

Muitas vezes eu a flagrei embaraçada tentando explicar para a vizinha que seu bolão de fubá não segue receita alguma e, se isso fosse preciso, ela não o faria porque não sabe escrever e muito menos lê.

Minha mãe é baixinha e nós, os filhos, embora grandes e fortes, nos sentimos minúsculos quando nos colocamos à sua frente.

Eu imagino a confusão que seria se a baixinha de cabelos grisalhos e avental na cintura não perambulasse pela casa.”

Aí está a emocionante produção do nosso ex-aluno – ditada pelo coração, mas sem as marcas do sentimentalismo. Simplicidade e veracidade de mãos dadas.

São mulheres como Dona Josefina, mãe do Marco, que ajudam a construir. Ela lembra nossas avós e nossas mães, que, no silêncio e na modéstia, sempre nos amaram, cheias de sabedoria e fé. Mulheres de estatura moral. Verticalidade. Raiz plantada no mais fundo dos sentimentos.

Peço licença ao Marco Sene para, com seu texto, homenagear todas as mães da nossa cidade, de modo especial as pobres e humildes, que, malgrado as dificuldades financeiras e os contínuos reveses, têm a riqueza da esperança e alimentam uma vida decente para os filhos.

Crônicas Pitorescas

Esquecimento Caro

Palmyro Masiero

Como jamais me esqueço do que quer que seja, exceto quando não me lembro, fico imaginando o que passou pelas cabeças dos operários João Wenceslao e Nelson Gomes da Luz, para aprontarem essa!

Deixar algo escapar da memória é bastante normal. Esquecer, por exemplo, o guarda-chuva é quase que um ponto de honra. Ele, o guarda-chuva, não passa de um objeto mesquinho, não cria laços de amizade e sequer proporciona maiores intimidades. Talvez por estar sempre vestido de luto considere-se no direito de ser esquecido.

Existem casos mais graves. A mulher manda o marido lá dela comprar sabão em pó e, passadas umas três horas, ele surge com um quilo de lingüiça embaixo do braço.

Voltemos aos nossos amigos Wenceslao e Nelson Gomes; antes, uma visão do ambiente. Um ramal da linha férrea passava por trás do Almoxarifado – aquele antigo, onde, dentro, na parede, bem grande, havia um dístico, num arremedo de letras góticas: “Cada coisa em seu lugar, cada lugar com sua coisa.” Era ali, numa plataforma, em que se carregavam e descarregavam mercadorias. Como a linha fazia uma curva, o maquinista não tinha boa visão do trajeto.

Pois bem. Os dois operários citados pertenciam ao 4º Grupo e haviam levado sobre um “trolley” algo para ser descarregado no Almoxarifado. Feito o serviço, retiraram-se, lado a lado, num bom bate-papo. Andando e conversa rolando. Só que se esqueceram do trole em frente ao Almoxarifado.

No momento em que o auxiliar de maquinista José Alves pegou o desvio para o depósito, a maria-fumaça, ao fazer a curva, estava quase em cima do trole. Com uma rapidez invejável e uma perícia extraordinária, José Alves conseguiu evitar o choque que poderia destruir o carrinho ou até provocar o descarrilamento da máquina.

Aí a coisa esquenteou. Quem deixou o trole na linha? O pagode entrou num ritmo acelerado e não demorou para que se encontrassem os autores da arte. Foi quando tomaram conhecimento da besteira.

Sabem no que resultou isso? O diretor da F.P.S.F., Cel. Aquiles Pederneras, lascou, no Boletim número 86, de 23 de julho de 1909, um CASTIGO, multando-os em oito dias de vencimentos. Esquecimento caro!

Em compensação, nesse mesmo Boletim, lá está gravado um ELOGIO ao ajudante de maquinista José Alves, louvando-o pela presença de espírito e habilidade.

Esquecimento não rima com distração, mas que são afinadíssimos entre si, isso são!

Procissão de Nossa Senhora Auxiliadora, em 24-05-59.



Foto arquivo Pro-Memória



Casamento caipira: junho de 61. Da esquerda para direita: Luzia, Geraldo Chaves, Beco, Batatinha, Luiz Leal e Alony Soares

Trio Muito Elétrico

Piquete já teve o seu trio muito elétrico.

Década de 50 e início da década de 60. O trio muito elétrico piquetense tomava conta do Vale do Paraíba. Quem não se lembra do Grêmio General Carneiro, do Cine Estrela e do Elefante Branco?

O GGC foi o clube da elite piquetense. Suas brincadeiras dançantes, seus bailes e, principalmente, seu Carnaval, eram de arromba. O bloco dos Toureiros pertencia aos seus associados. As brincadeiras dançantes atraíam, nas noites de sábado e domingo, jovens de todo o Vale. O DJ era o Peru (Oswaldo Peixoto) e sua preferência musical eram os boleros de Waldir Calmon e o clássico dos bailes “Moonlight Serenade”, com a orquestra de Glenn Miller, quando os mais apaixonados casais se entrelaçavam, num passo mágico ao amor. O vestuário da época era muito “sui-generis”: os rapazes trajavam terno e gravata e as garotas, vestidos soltos ou rodados, sapatos de salto alto, como verdadeiras “ladies”. Aos domingos, pela manhã, a famosa domingueira. O Carneiro reunia, para um aperitivo e outro, ou mesmo para uma partida de “snooker”, os mais exigentes degustadores e jogadores.

O Cine Estrela foi inaugurado em 07-09-44, quinta feira, com o filme “Damasco”. Os filmes mais populares exibidos foram: “Calibre 45”, de 07-12-52, “Tarzan e a Caçadora”, 16-12-52, “Quo Vadis”, 07-11-54, “Tempos Modernos”, com Charles Chaplin, 02-11-57, “Marcelino Pão e Vinho”, em 16-04-58 e “E o Espetáculo Continua”, brasileiro, em 14-10-60.

O cinemascope, som estereofônico, maravilha da época, foi inaugurado no dia 26-08-56, domingo, com o filme “O Manto Sagrado”, dirigido por Henry Koster. Logo vieram os clássicos imortais de Cecil B. de Mille – “Demétrius, o Gladiador”, exibido em 07-09-56, “Cálice Sagrado”, em 07-12-57, e “Os Dez Mandamentos” em 06-11-61.

No palco do Cine Estrela acontecia a entrega de diplomas e colação de grau dos formandos das diversas áreas educacionais

da cidade. Também serviu para exibição de peças teatrais como “Iaiá Boneca”, de Ernani Fornari, “Pluft, o fantasminha”, de Maria Clara Machado, e outras.

Elefante Branco. Este, sim, foi o campeão do entretenimento. As festas juninas que o Alony Soares proporcionava ao povo eram algo que não se vê hoje em dia. Nem mesmo a festa do Peão-Boiadeiro consegue reunir tanta gente. Quadrilha, fogueira, pau-de-sebo, fogos de artifício e o tradicional casamento caipira. Os casais desfilavam em carro de boi, enfeitado a caráter. O Beco Ferreira era o noivo e o Batatinha (Luiz Pires), a noiva, com véu e grinalda. Tudo regado com muito quentão, acompanhado de melado e mandioca.

Na quadra de esportes do Elefante Branco, o basquete e o vôlei determinavam grandes platéias. As melhores equipes do Vale perderam a invencibilidade ao se defrontar com as nossas. Nos Jogos Abertos do Interior, realizados em setembro de 1958, na cidade de Sorocaba - SP, nosso vôlei foi bem classificado. Nosso basquete teve o seu auge quando disputou uma partida amistosa contra a equipe norte americana “Ventury for Victory”, que fazia turnês pelas Américas, e nossa seleção, como era conhecida, conseguiu perder por diferença mínima de pontos. Foi a glória para o treinador Bodoi.

Os bailes de formatura das Escolas Industrial, Normal e Ginásio eram esperados o ano inteiro, pela população. Grandes conjuntos e orquestras desfilaram naquele salão: conjunto OK, da cidade de Taubaté, os Biriba Boys, de São José dos Campos e até mesmo a Orquestra Cassino de Sevilha, que deram ritmo aos suntuosos bailes de gala. Os bingos dançantes, estes sim, traziam os mais afoitos dançarinos da região. Eram noites como “As Mil e uma Noites”, indescritíveis.

Por isso o saudosismo nos invade. A Piquete de outrora era verdadeira. O lazer associava-se à cultura. O jovem luzia em energia e o povo era muito feliz. Garanto.

Edival da Silva Castro

Maternidade Hoje

Dia das Mães. Ninguém mais do que elas merecem uma data especial. São esses seres que nos trazem à vida, que nos dão a luz. Sempre super-protetoras, ciumentas, às vezes “pegam demais no pé”, não deixam isso, não dão aquilo... mas também são elas nossas defensoras quando fazemos algo errado, que permitem o excesso de doces na infância, que aumentam o “caixa” quando ele está baixo... A maternidade é tudo isso. E muito mais... A responsabilidade advinda dela é imensa. Nos dias atuais, ser mãe é ter de encarar papos sobre sexo, menstruação, drogas, preservativos e tudo mais que leva à conscientização de uma criança ou adolescente. E isso não é, nem de longe, uma grande parte: muitas vezes, tem as filas para matrícula em colégio público, as longas horas de espera nos hospitais do SUS, os ônibus lotados... É... não é fácil. Isso tudo se complica nas chamadas “produções independentes” e ainda mais na gravidez involuntária, quando não se tem o apoio de um companheiro.

Já não existe mais um padrão para a tradicional “célula mater” da sociedade. Há muitas famílias ditas “não convencionais” que, concordemos ou não, já são uma realidade e estão colocando em questão a constituição de uma família e, principalmente, o modo dela ser formada. Recentemente, num programa de entrevistas da TV Cultura, foi colocada em discussão a inseminação artificial. Essa técnica possibilita muitas variações nas maneiras de se alcançar a maternidade. É intrigante: para se tornar mãe deve-se avaliar, além de todos os problemas inerentes à situação, se a forma de concepção é ética, a “existência” ou não da figura do pai, a formação da família e os conseqüentes problemas psicológicos que poderão atingir a criança...

Mães que trabalham fora, que viajam a serviço, que posam nuas, que disputam o namorado com a filha: são situações inimagináveis há alguns anos: Seriam conseqüências dos novos tempos... do século XXI? Devemos refletir muito sobre essa nova realidade. Fazer filhos é muito gostoso e fácil; isso todos sabem. O problema é criá-los. Tudo deve ser muito bem planejado. Aí, sim, a maternidade é linda. Caso contrário, pode ser muito complicada. Por isso, pensemos bem. Hoje em dia, só tem filhos quem quer. Bom senso é imprescindível.

Contudo, uma coisa é certa: Mãe é uma só. Prezem e respeitem muito suas mães. Nunca se esqueçam delas, mesmo que estejam muito distante.

LGDJ

**“Nenhum filho pagou,
no mundo, nem pagará,
jamais, o tributo de
reconhecimento que deve
à sua mãe.”**

Montegazza



Cabo de guerra, no Campo do Estrela, em comemoração ao Dia do Trabalho. Foto da década de 30

1º de Maio

“O Dia 1º de maio era comemorado solenemente pelos operários, sob a responsabilidade da Sociedade Beneficente do Pessoal da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça. Era todo tomado por jogos e diversões, tendo por local o campo do Esporte Clube Estrela. Corridas de pedestres pelas ruas da cidade, isto é, não precisamente pelas ruas, pois só tínhamos uma ligando a cidade ao campo de futebol. Era preciso, então, que os corredores descessem pela via férrea até a Estação de Piquete e subissem pela rua Cel. Luiz Relvas.

Salto de altura e saltos de vara, em que sobressaíam Mário de Lima e Henrique Mazziero. Cabo de guerra, saltos de distância, corridas de velocidade, do ovo, da agulha e da surpresa, em que os competidores encontravam os mais difíceis e engraçados obstáculos. Havia, ainda, a corrida do saco, de três pernas, do caranguejo e do cavalinho. Encerrava essas provas uma grande partida de futebol.”

(do livro “Folclore de Piquete”, de Carlos Vieira Soares)

Notas da Cidade

□ No dia 1º de maio, a “Escolinha de Futebol Pirralhos de Piquete” comemorou seu primeiro aniversário. Na ocasião, foi celebrada uma missa no Campo da Sociedade Esportiva Vila Cristiana, onde funciona a escolinha, e servido um almoço para seus atletas e convidados, entre os quais estava a Escolinha de Futebol do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Foram realizados, também, quatro amistosos entre as categorias Dente de Leite, Infantil, Juvenil e Juniores, com dois empates e duas vitórias para Piquete, sendo a última contra o Juniores, por 4 x 1.

A “Escolinha de Futebol Pirralhos de Piquete”, que recebe o apoio da S. E. Vila Cristiana, através de seu presidente José Roberto Chagas (Marreco), conta com 120 atletas cadastrados e tem como presidente e diretor técnico o Sr. José Valério (Sabará). A manutenção vem de eventos organizados por uma comissão de pais de atletas.

O trabalho da Escolinha é o de ensinar o esporte para crianças de 4 a 18 anos, condicionando a permanência no grupo aos resultados escolares, ao comportamento em família e à frequência aos atos religiosos. Iniciativas como essa são louváveis e devem ser incentivadas. Parabéns!

□ A Associação de Judô de Piquete disputou, em S. J. Campos, dia 1º de maio, o Torneio Regional da Federação Paulista de Judô, classificatório para o interestadual. Classificação:

Luiz Augusto, Walter Araújo e Diógenes Gonçalves - Campeões Regionais.

João Paulo Silva, Waldir Bittencourt e Valdemir da Silva - Vice-Campeões Regionais.

Alexandre Penchel, Charles de Carvalho, Manoel Junqueira, Luciano Vieira, Ederson de Abreu, Daniele Ribeiro e Fabiane Sales - 3º Lugar

□ A FCR participou de uma reunião, em Guaratinguetá, promovida pelo IBAMA, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo e Prefeitura local, em que foi discutida a regulamentação da A.P.A. da Mantiqueira

□ De 15 a 30 de maio funcionará, na Rua do Piquete nº 92, o Espaço “A Pechincha”. Promovido pela Rede Feminina de Combate ao Câncer, lá pode-se encontrar, por preços módicos, lembranças e presentes. O lucro será revertido para o Hospital do Câncer. Visitem e colaborem.

Triste Realidade

Representando a Sociedade Amigos do Bairro Santo Antônio, participei, em 22-4-99, nas dependências da Prefeitura Municipal, de uma exposição sobre a atual e futura situação financeira de nossa Piquete. O representante do poder público expôs, de forma realista, os desvios experimentados pela previsão orçamentária de 1998 e as perspectivas para este ano e os seguintes, até 2003. O quadro desenhado é grave e sombrio, uma vez que nossa Piquete, inserida no cenário em que foram elaboradas as diretrizes orçamentárias, tende, sistematicamente, a perder receita. Tal fato é decorrente, principalmente, do redutor imposto à parcela do Fundo de Participação de Municípios (FPM), que cairá quase à metade até o ano 2003, e pela queda da receita oriunda dos créditos do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Para se ter uma idéia do impacto dessa perda de receita, provocada por essas duas fontes, com base no ocorrido no primeiro trimestre, projeta-se redução de receita para este ano, frente ao ano anterior, de aproximadamente R\$ 120 mil. Daí a dificuldade da atual gestão pública, sem querer, entretanto, defendê-la da péssima manutenção da cidade no que se refere à limpeza pública, iluminação, segurança, assistência social e, fundamentalmente, saúde pública. Itens como despesas com pessoal e educação, em funções de leis específicas que impõem sanções aos administradores públicos, estão relativamente sob controle. Aos olhos daqueles que entendem de administração pública, a situação financeira de nossa cidade pode ser classificada como caótica e dramática. Aliás, essa triste realidade serve de advertência aos piquetenses que, no próximo ano, deverão eleger uma nova Câmara de Vereadores e um novo Prefeito. Tenho plena convicção de que, salvo mudanças radicais na economia de nosso país, a maioria das propostas ou promessas de virtuais candidatos não passa pelo crivo da situação financeira. Portanto, conterrâneos piquetenses, passem desde já a olhá-los pelo lado da competência, da seriedade de propósitos, do caráter, do passado e, fundamentalmente, a identificar neles o verdadeiro e desejado “espírito público”.

Em função das perspectivas pouco animadoras, mais uma vez arrisco-me a convidar a sociedade de Piquete para a união e a participação, para que um grande esforço seja desencadeado, com vistas a afastar de nossa cidade a rota comum dos municípios mais pobres de nosso estado.

Retornando à exposição das finanças do município, a lamentar profundamente a diminuta platéia – éramos cinco – sendo que dois participantes, por razões que não consigo entender plenamente, eram vereadores, e, acredito, já conheciam o dramático quadro financeiro de nossa cidade. Razão pela qual pouca contribuição deram às discussões do orçamento.

Finalizando, mais uma vez fica a sugestão para que a sociedade não mais se envolva com Piquete, mas sim, se comprometa com os destinos de minha cidade natal.

Celso Colombo

A Fundação Christiano Rosa agora está na Internet.

Acesse nosso site no endereço:

<http://members.xoom.com/fundcr>